

Palestra em Taiwan

Marianne Frank

Palestra sobre como pude conceber e implementar o Trabalho Sistêmico em turmas escolares, aplicando estratégias sistêmicas de pensar e agir em sala de aula.

Nesta palestra direi a vocês sobre como me veio a idéia de aplicar o trabalho sistêmico em turmas escolares e também junto aos meus colegas e aos lares de crianças, incluindo seus pais.

Esta palestra consiste de três partes:

1. meu treinamento com Bert Hellinger e outros terapeutas: de onde venho;
2. os primeiros pequenos passos em meu trabalho diário na escola;
3. o trabalho corporal que realizei com os alunos.

Eis aqui a história: No final dos anos 70 eu já havia trabalhado por 16 anos como professora. Não me sentia muito contente com a minha situação na escola. Desejava mudar de profissão. Meu objetivo era ser terapeuta, após haver experimentado em mim a terapia. Havia terminado meu treinamento como terapeuta em Análise e Trabalho Corporal e também sobre Grito Primal, de Arthur Janov. Em 1982 conheci Bert Hellinger e fiz parte de um grupo no qual ele começou a desenvolver o trabalho de constelações. Tornei-me terapeuta e obtive a licença/permissão para trabalhar nesta função. Logo em seguida iniciei os grupos de Constelações Familiares. Passo a passo, com *insights* crescentes sobre lealdades familiares, consciência, o profundo amor das crianças e como elas se deixam identificar com outros membros da família, até mesmo quando nunca os viram ou conheceram, questões de mágoas, morte, culpa e vitimização.

Mas ainda permanecia como professora. Ainda sentia uma relação interna profunda com os alunos, como também com seus pais. Nessa época, surgiu uma grande tensão interna. Não era capaz de deixar meu trabalho na escola e tinha um forte desejo em trabalhar como terapeuta, com meus profundos *insights* sobre Sistemas Familiares, que tive a oportunidade de desenvolver nos grupos de Bert Hellinger.

Geralmente os professores sempre chegam com a idéia de que as crianças necessitam ser liberadas das algemas de seus lares, onde problemas, TV e a cultura consumista sempre predominam. Pensamos que elas necessitam de motivação, para aceitarem um conjunto de éticas sociais e o usualmente absorvido, conjunto de valores intelectuais e culturais, que a escola transmite na estrutura social das sociedades de classes, como se a escola pudesse intervir como um corretivo social e cultural. Esse é também um apelo da mídia.

O uso/prática de constelações levou-me a uma nova compreensão dos alunos. Observei a maneira como eles estavam inseridos em suas famílias e verifiquei a lealdade que tinham com as suas famílias. Mas também reconheci a energia que eles estavam constantemente empregando, para conectarem sua vida familiar com a escola e senti, que essa energia podia ser atrelada a uma força extremamente produtiva. Isso ocorre, quando os professores se tornam genuinamente abertos aos lares das crianças, abrindo as portas da sala de aula a eles e lhes permitindo ser uma presença invisível e permanente ali. Foi a idéia fundamental de Hellinger de estar inserido no contexto familiar, que primeiramente me levou ao uso de conceitos sistêmicos no meu magistério.

Vagarosa, mas com convicção fui capaz de ver nas crianças, os representantes de suas famílias, com suas leis, sua dinâmica própria e suas tarefas específicas. Os alunos constantemente me mostraram, que estavam profundamente comprometidos com suas famílias e que implacavelmente tinham essas dinâmicas como a sua prioridade maior.

A escola como um novo componente da vida e o aprendizado por si mesmo, podem fazer com que as crianças se sintam inseguras e essa insegurança é mais fácil de lidar, quando elas recebem reconhecimento em tudo, que trazem com elas para a sala de aula. A escola não é uma melhor alternativa se comparada à vivência no lar, mas sim, um enriquecimento do que elas têm em casa. E em contrapartida, o respeito que professores têm, para com uma criança nada mais é, que o respeito por sua família de origem e isso também inclui o respeito pelo destino de toda a família, independentemente de acharmos, que seja uma influência positiva ou negativa, para o seu desenvolvimento e vontade de aprender.

Manifestar apreço pelo destino da criança é o melhor que podemos fazer para uma criança. Exige **muita disciplina por parte dos professores**. Por exemplo, significa **prescindir da noção de querer ajudar as crianças**, fazendo-as suplantar as limitações de sua família original.

Somos apenas professores. As crianças, elas mesmas, permanecem conectadas aos seus destinos e às suas famílias. Todos conhecemos o momento decisivo numa constelação familiar, quando uma criança consegue reconhecer seu próprio destino. No entanto, na maioria dos casos elas permanecem enredadas no amor. No exterior elas rejeitam o que querem, que as façam sofrer e o que (inconscientemente) amam incondicionalmente. Uma vez, ao olhar para isso dessa forma, ficou claro para mim, que todos os nossos destinos têm o mesmo significado, ou, como diria Bert Hellinger, eles são igualmente válidos.

Uma vez tendo percebido essas profundas relações, senti a fertilidade dos meus esforços na sala de aula com intensidade ainda maior. Quanto mais tempo eu pensava, tanto mais perdida me sentia. Poderia eu, como professora, acompanhar uma criança inserida num contexto difícil, que fosse pobre, que vivesse em meio a relacionamentos sociais confusos, negligenciada por sua mãe ou o pai, perseguida, talvez crescendo sem um pai, poderia eu motivar essa criança a reconhecer o seu destino?

Poderia eu contribuir para ela, olhando para o seu destino como sendo tão válido como aquele de uma criança, que vive num ambiente próspero e sólido? E estaria eu disposta a olhar assim para essa realidade? Perguntas após perguntas foram surgindo. No fundo dessa lista de perguntas havia uma questão: Será que eu, a professora, realmente aceito o meu destino, meus pais, minha vida?

Nesse ponto, estava claro para mim, que um bom professor, um professor que gosta de ensinar na escola, nunca poderia ser um terapeuta de alunos, nem um assistente social para eles. E pensei sobre a diferença entre a tarefa de um professor e aquela de terapeutas ou de assistentes sociais. Percebi o quanto importante era essa questão.

Pensei sobre o insight de Bert: Todos adquirem sua maior força, quando tomam posse do lugar legítimo a que têm direito.

Isso significa para mim, como professora: Não sou nem a mãe nem o pai dos alunos, nem também a terapeuta ou a assistente social. **Sou apenas a professora.**

E minha pergunta permanente era: Como posso eu manter meu coração aberto a todas as famílias, a todos os destinos, não tendo qualquer outra tarefa, a não ser aquela de respeitá-las/admirá-las e reconhecê-las como pessoas e famílias de igual valor?

E cheguei a um único resultado/resposta:

Significa respeitar e amar minhas próprias origens, meus próprios pais, minha própria vida, meu próprio destino.

Certo dia eu falava aos alunos da minha 6ª série, sem pensar sobre o que queria dizer, e falei: “Ouçam, quando olho para vocês, sempre os vejo com seus pais na sala de aula. Sei que, os que aqui, estão sentados não são 22 crianças, mas sim 22 famílias. Isso significa, que se contarmos todos os pais e mães, mais eu e meus dois filhos e o pai deles, isso significa 66 mais 4 pessoas!”. As crianças em minha sala explodiram em risos. Mas quando lhes assegurei, que estava falando seriamente sobre o assunto, começaram a pensar sobre a questão.

Alguns deles disseram que não queriam ser supervisionados por seus pais por todo o tempo e que se sentiam felizes em estarem aqui, sem eles. Outros nada disseram, enquanto que outro grupo de alunos pareciam estar felizes.

Alguns poucos dentre eles disseram: “Meu pai, sim. Mas minha mãe tem tantos medos que me põe louco.” Muitos deles mostravam-se ansiosos, para informar sua estatística de 40, ou 1/3 de 63, ¼ de 100 e assim por diante. Nada de novo para eles e para mim.

Mas quando lhes passei as instruções, eu lhes dava condições distintas. Resolvam cinco problemas com seus pais e cinco sem que eles se ponham em pé, atrás de você. Os alunos podiam verificar seus resultados atrás da prancha.

Designei a eles outra tarefa, que se constituía em realizar observações da seguinte maneira: quando você conseguiu calcular com mais certeza, quando conseguiu calcular mais rapidamente, com ou sem o apoio interno de seus pais?

Em seguida, quando os alunos já desfrutavam dessa experiência, verificaram, dentre os auxílios do pai ou da mãe, qual foi o mais eficaz. Muitos dos alunos acharam mais fácil calcular números, pela pura e simples razão de estarem interessados na experiência e seu sucesso estava relacionado a um novo aspecto. Vários deles descobriram que um tio ou uma irmã os ajudaram. Uma menina disse: “Minha avó me ajudou com os cálculos. Ela mesma não sabe calcular, mas me traz tanta calma, que posso sentir segurança.”

Aquilo foi algo apreciado por toda a classe. E parece que o exercício beneficiou a todos, que foram capazes de abandonar a pergunta comum de “quem foi o mais rápido?”, para usar perguntas sistêmicas como: “quem é útil para mim no meu ambiente de aprendizagem?” ou: “quem está comigo, quando sinto que é mais fácil ter êxito?”

Vários alunos tinham pais, que lhes faziam ter medo do fracasso. Se esse era o caso, eles foram instruídos a dizer à sua mãe ou pai, em silêncio, que eles iriam em verdade resolver a questão, com ajuda de ... (quem quer que fossem seus ajudantes).

Quando trabalhávamos com problemas de matemática na turma ou redigíamos textos (redações), eu sempre perguntava às crianças quem estava se sentindo frustrado ou confuso sobre quem era seu ajudante, se o pai, a mãe, ou seus irmãos, quem estava com eles. Às vezes diziam, que sentiam, que ter de pensar sobre isso era muito, frente a tudo o mais. Sem responder, eu punha uma cadeira vazia ao seu lado. Reconhecendo a gratidão em seus olhos, podia eu verificar o quanto eles se beneficiavam desse gesto. Eles se acalmavam e conseguiam se concentrar.

Às vezes as crianças vinham até mim e estavam tristes. Seus pais estavam muito distantes de Munique, eram caminhoneiros, homens de negócio. Então eu propunha, que elas deveriam levar consigo uma pequena foto de seus pais no bolso das calças, talvez protegida por plástico. Assim elas sabiam que o pai estava sempre ali.

Quanto mais falávamos sobre o assunto... que fazer, quanto...mais idéias surgiam aos alunos. Eles evoluíram para o pensamento sistêmico.

Os Gestos têm poder

Nas escolas da Bavária temos de orar a cada manhã, antes de iniciar a aula. No entanto, não consegui encontrar uma única oração, que fosse apropriada para todos os católicos romanos, protestantes, hindus, muçulmanos e as crianças sem qualquer credo ou denominação.

Que fazer, então? Pensei no gesto de inclinar-se, em reverência, como uma oração.

No meu trabalho de constelação aprendi o quão poderoso é o gesto de inclinar-se. Quando usamos reverência em workshops, alguns podem num primeiro momento, sentirem-se envergonhados ou impacientes. Embora seja comum para asiáticos e muçulmanos, Na Europa é um gesto pouco habitual. As pessoas o praticam muito raramente.

Toda manhã eu pedia a um menino e a uma menina para silenciar a turma e inclinar-se em frente dos colegas, como expressão de nossa oração diária.

As crianças adoravam isso! “Hoje é minha vez, minha vez”, eles costumavam pular e dizer. As duas crianças conseguiam silenciar a turma e então se curvavam.

Conversávamos muito sobre esse gesto. Tentamos diferentes tipos de reverência, para verificar como elas se sentiam e para ver o que acontecia, quando alguém se curvava (em reverência) à nossa frente. E como podemos suportar esse gesto. Algumas das crianças da Bavária sentiam desconforto. Outras diziam: “Eu me curvo, mas meu corpo não quer fazê-lo” e assim por diante.

Falamos sobre todos os movimentos relacionados ao gesto de inclinar-se. O quanto o mover-se para trás, para a posição ereta, é parte importante. Primeiro aprendemos a deixar, que o queixo caia em direção ao peito; e então a curvar-se com os ombros e as costas, e fazê-lo com mais profundidade, tanto quanto seus corpos o permitissem naquela manhã. Alguns dias eles se curvavam muito, outros dias não conseguiam fazê-lo.

Quão interessados se mostravam em descobrir esses segredos de seus corpos!

E falávamos sobre pessoas que permanecem nessa posição curvada, pessoas que foram feridas, foram alvo de maus tratos ou que eram idosas e perderam a força para se por eretas. As crianças aprenderam muito sobre tudo isso...

Após a reverência de inclinar-se, todas as manhãs, havia um pouco de silêncio na turma. Isso era mais do que apenas não falar e durava algum tempo.

Uma ou duas vezes ao mês, era a minha vez de me curvar frente à turma. Na primeira vez que o fiz, disse às crianças: “Inclino-me à frente de vocês, de seus pais e de sua família.”

Este meu gesto foi recebido como um exagero para eles. Não conseguiam acreditar no que viam.

Contei-lhes que, apesar de eu ser a professora, também sou uma pessoa e uma mãe, como eles e suas famílias.

Depois disso recebi muitos telefonemas. Os pais não podiam acreditar que eu havia me curvado em reverência, à frente deles. Mas era verdade. Contei às mães, que eu havia criado dois filhos e que sei o que elas fazem, no papel de mães e de pais, com total responsabilidade por seus filhos.

Naquela ocasião, os alunos queriam que eu falasse mais sobre famílias e sobre o que pensava sobre pais, mães e crianças. Mencionei, que todos têm seu lugar legítimo frente a seus pais.

Pouco tempo depois lhes dei a oportunidade de realizar uma constelação simples. Um aluno pediria a uma menina, para representar a mãe dele e a outra criança, para representar ele próprio. E assim sucessivamente, os dois representantes ficavam de pé, um em frente ao outro. E outra vez houve o mesmo silêncio na turma. Um silêncio especial. Pouco tempo depois, e eles podiam saber com precisão quando conseguiam sentir o campo da família.

Num dia um representante poderá se curvar. Ou dizer algo como, “Oh, mamãe, eu te amo.” E então nós parávamos. Os alunos apreciavam muito esse jogo de família, como o chamavam.

Mais e mais crianças chegavam até mim e diziam algo como: “Quando eu representei a mãe de Heiner, senti-me tão amorosa, zelosa, eu tinha tanto amor, para lhe dar. Será que minha mãe também me ama tanto assim?”

Para muitos alunos, essa foi a primeira vez que pensaram sobre os sentimentos de seus pais.

Traduzido por Mário Fonseca para a Sistêmica Consultoria 3º Módulo de 12 a 16/11/16 - Brasília - DF dos “Cursos de Pós-Graduação, Especialização *Lato Sensu* Sistêmica Fenomenológica Pedagógica”.

Miriam Coelho Braga
Coordenação Técnica

Sistêmica
CONSULTORIA